

■ NACIONAL

**A Primeira transportadora do Brasil
com "Quality" de norte a sul.**



Economia já começou a reativar-se

Projetos em infra-estrutura

Projeto	US\$ mil	Prazo
Ferrovário	Pavimentação da BR 174	até 1998
	Reconstrução da BR 364	até 1999
	Recuperação de estradas	até 1999
	Duplicação da Fernão Dias	até 1999
	Estrada para o Mercosul	até 1999
Hidroviário	Hidrovia do Rio Madeira	até 1999
	Hidrovia Tocantins-Araguaia	até 1999
	Hidrovia Tietê-Paraná	até 1998
Rodoviário	Estrada Unai-Pirapora	até 1998
	Ferronorte	até 1998
Portos	Porto de Suape	até 1999
	Porto de Pecém	até 1998
	Porto de Sepetiba	até 1998
	Porto de Santos	até 1998
Telecom.	Teleporto	até 2005
	Telecomunicações	até 1999
Governo	Gás natural Urucu	até 1999
	Gasoduto Brasil-Bolívia	até 1998
	Hidrelétrica de Tucuruí	até 1999
	Hidrelétrica Xingó	até 1998
	Sistema elétrico	até 1998
Outros	Irrigação agrícola	até 1998
	Suprimento de água p/Agricultura	até 1998
	Casas populares	até 1998
	Sistema hospitalar	até 1998
	Saneamento básico	até 1998
	Infra-estrutura p/Turismo	até 1999
Total	51.607	

Fontes: BNDES/Lloyds Bank

Alexandre Calais, Teresa Navarro e
Adriana Arai
de São Paulo

(Continuação da página A-1)

As vendas do setor siderúrgico também mostram a tendência de o crescimento econômico vir pelo investimento. As vendas de chapas grossas aumentaram 5% e as de laminados a quente tiveram alta de 10% no primeiro semestre em relação ao mesmo período do ano passado, de acordo com o superintendente de Marketing da Cosipa, Hideyuki Hariki. Esses produtos são usados principalmente pela indústria de equipamentos, bens industriais, máquinas agrícolas e tubos de pequeno e grande diâmetro — como os do gasoduto Brasil-Bolívia.

Já as vendas de laminados a frio, matéria-prima usada principalmente nas indústrias automobilística e eletroeletrônica, caiu 14% no período, indicando claramente a queda no consumo desses produtos. Usiminas e Cosipa, duas das maiores siderúrgicas do País, sentem essa queda, mas dizem que a produção total de aço pode até crescer em relação ao ano passado por conta do aumento de vendas das chapas grossas e laminados a quente. "No mínimo, vamos fechar o ano com a mesma produção de 1997: 3,6 milhões de toneladas", diz o gerente de Marketing da Usiminas, Sérgio Leite de Andrade.

Os resultados dos investimentos

começam a aparecer, na opinião de Barbosa, do Citibank. "O volume de projetos em andamento já é grande a ponto de começar a surtir efeitos na economia". Ele cita três consequências práticas dos investimentos: a redução do custo dos serviços ou produtos; o crescimento do salário; e o aumento do lucro, resultando em mais dinheiro disponível para ser reaplicado.

Capacidade para investir mais existe. Barbosa diz que o setor privado tem poupança. "Com os juros e a inadimplência altos, o consumidor e as empresas recorrem menos ao crédito. Hoje, o grande tomador é o governo. Como o setor privado está locando a sua poupança para o setor público, ainda existe um grande potencial de investimento, que não é usado".

Juscelino Martins, vice-presidente da maior rede atacadista do País, a Martins, de Minas Gerais, confirma. "Temos R\$ 100 milhões em caixa, livres para investimentos. Mas estamos cautelosos. Ser agressivo num ambiente como este significa correr o risco de perder uma posição confortável", diz. No seu caso, a liderança do mercado. Apesar da cautela, a rede expande-se para o Norte e Nordeste, e projeta para este ano um faturamento 10% superior ao do ano

passado.

Alguns indicadores mostram que mesmo no primeiro semestre a economia não ficou estagnada. O consumo de energia no País — um indicador confiável do nível de atividade — cresceu. De janeiro a maio, o País consumiu 6,1% a mais de energia, em relação ao mesmo período de 1997. Se o crescimento industrial foi pequeno, apenas 0,7%, o mesmo não se pode dizer dos demais consumidores. A energia residencial aumentou 9,9% no período e a comercial, ainda mais: 11,6%. Para o secretário de Energia do estado de São Paulo, Mauro Arce, as duas

Encomendas de chapas grossas usadas pela indústria de equipamentos e máquinas agrícolas cresceram 5%

categorias de consumo vêm crescendo em níveis constantes desde 1994.

Se as vendas de produtos como automóveis e eletroeletrônicos

— caros e geralmente com necessidade de financiamento para serem adquiridos — apresentam quedas acentuadas, os produtos mais baratos vêm resistindo bem. E seu consumo deve melhorar no segundo semestre. A fabricante de brinquedos Estrela espera para este ano um crescimento de 15% nas vendas em relação a 1997. Para isso, a empresa investiu na produção de brinquedos mais baratos, de até R\$ 10,00. De acordo com o seu diretor de Marke-

ting, Aires Fernandez, esses produtos responderam em 1997 por mais de 25% do faturamento da Estrela.

O setor de papelão ondulado, apesar das reclamações de queda de faturamento das empresas, vendeu no primeiro semestre do ano 3,2% mais que no mesmo período do ano anterior: foram 795 mil toneladas ante 771 mil em 1997, segundo dados da Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO). O segmento que mais consumiu o produto foi o de alimentos, com crescimento de 7,6%. O pior desempenho ficou com o setor eletroeletrônico, com queda de 4,29%. A previsão da ABPO é que o setor feche o ano com crescimento entre 4% e 5%.

A Dixie-Toga, maior fabricante de embalagens plásticas do País, também vê aumentar o volume de encomendas. "Os pedidos de produtos ligados ao verão, como embalagens para sorvetes e rótulos para cervejas, já estão crescendo", diz o presidente do Conselho de Administração da empresa, Sérgio Habersfeld. Segundo ele, os setores que passam por uma crise hoje no País — eletroeletrônicos e automóveis, principalmente — são justamente os que experimentaram os maiores crescimentos após o Plano Real, e não poderiam manter o mesmo nível de vendas indefinidamente. "Em algum momento elas teriam de cair, e isso independeria de se ter ou não um quadro recessivo."